

INCTE 2018

3.º Encontro Internacional de Formação na Docência
3rd International Conference on Teacher Education

Livro de Atas



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA Escola Superior de Educação

Bragança | 4 e 5 de maio | 2018

Livro de Atas

III Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE)

3rd International Conference on Teacher Education (INCTE)

Título: III Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): livro de atas
Edição: Instituto Politécnico de Bragança
Editores: Rui Pedro Lopes, Manuel Vara Pires, Luís Castanheira, Elisabete Mendes Silva, Graça Santos, Cristina Mesquita, Paula Fortunato Vaz (Eds.)
Ano: 2018
ISBN: 978-972-745-241-5
Handle: <http://hdl.handle.net/10198/17381>

Organização

O INCTE 2018 é organizado pelo IPB, onde decorrem as sessões.

Comissão Organizadora

Adorinda Gonçalves (IPB, Portugal)
Angelina Sanches (IPB, Portugal)
Carla Guerreiro (IPB, Portugal)
Cristina Mesquita (IPB, Portugal)
Elisabete Silva (IPB, Portugal)
Elza Mesquita (IPB, Portugal)
Graça Santos (IPB, Portugal)
Jacinta Costa (IPB, Portugal)
João Carvalho Sousa (IPB, Portugal)
Manuel Vara Pires (IPB, Portugal)
Manuel Luís Castanheira (IPB, Portugal)
Maria do Céu Ribeiro (IPB, Portugal)
Maria Isabel Castro (IPB, Portugal)
Maria José Rodrigues (IPB, Portugal)
Maria Raquel Patrício (IPB, Portugal)
Mário Cardoso (IPB, Portugal)
Paula Fortunato Vaz (IPB, Portugal)
Rosa Novo (IPB, Portugal)
Rui Pedro Lopes (IPB, Portugal)
Telma Queirós (IPB, Portugal)

Comissão Científica

Adorinda Gonçalves (IPB, Portugal)
Alexandra Soares Rodrigues (IPB, Portugal)
Alexia Dotras Bravo (IPB, Portugal)
Amélia Marchão (IPPortalegre, Portugal)
Ana Garcia Valcárcel (USAL, Espanha)
Ana Paula Martins (UMinho, Portugal)
Angelina Sanches (IPB, Portugal)
António Guerreiro (UAlgarve, Portugal)
António Nóvoa (ULisboa, Portugal)
António Vasconcelos (IPS, Portugal)
Bienvenido Fraile (USAL, Espanha)
Carla Araújo (IPB, Portugal)
Carla Guerreiro (IPB, Portugal)
Carlos Neto (ULisboa, Portugal)
Carlos Teixeira (IPB, Portugal)
Cláudia Martins (IPB, Portugal)
Cristina Martins (IPB, Portugal)
Cristina Mesquita (IPB, Portugal)
Delmina Pires (IPB, Portugal)
Domingos Fernandes (ULisboa, Portugal)
Elisabete Mendes Silva (IPB, Portugal)
Elza Mesquita (IPB, Portugal)
Feliciano Veiga (ULisboa, Portugal)
Fernando Martins (IPC, Portugal)
Flávia Vieira (UMinho, Portugal)
Gabriela Portugal (UAveiro, Portugal)
Graça Santos (IPB, Portugal)
Haroldo Bentes (IF do Pará, Brasil)
Helena Rocha (UNova, Portugal)
Henrique Teixeira-Gil (IPCB, Portugal)
Ilda Ribeiro (IPB, Portugal)
Isabel Cabrita (UAveiro, Portugal)
Isabel Vale (IPVC, Portugal)
Isolina Oliveira (UAberta, Portugal)
João Carvalho Sousa (IPB, Portugal)
João Cristiano Cunha (IPB, Portugal)
Joaquim Machado (UCP, Portugal)
José Manuel Belo (UTAD, Portugal)
Juan Gavilán (UConcépcion, Chile)
Júlia Oliveira-Formosinho (UCP, Portugal)
Laurinda Leite (UMinho, Portugal)
Leoncio Vega-Gil (USAL, Espanha)
Leonor Santos (ULisboa, Portugal)
Lina Fonseca (IPVC, Portugal)
Lourdes Montero (USC, Espanha)
Luís Castanheira (IPB, Portugal)
Luís Menezes (IPV, Portugal)
Manuel Meirinhos (IPB, Portugal)
Manuel Vara Pires (IPB, Portugal)
Maria Antónia Mezquita (UValladolid, Espanha)
Maria da Assunção Mendonça (UÉvora, Portugal)
Maria da Conceição Martins (IPB, Portugal)
Maria do Céu Ribeiro (IPB, Portugal)
Maria do Céu Roldão (UCP, Portugal)
Maria do Nascimento Mateus (IPB, Portugal)
María Dolores Alonso-Cortés (ULEón, Espanha)
Maria Isabel Castro (IPB, Portugal)
Maria Isabel Oliveira (UMinho, Portugal)
Maria João Cardona (IPSantarém, Portugal)
Maria José Rodrigues (IPB, Portugal)
Maria Raquel Patrício (IPB, Portugal)
Marina Tzakosta (UCreta, Grécia)
Mário Cardoso (IPB, Portugal)
Mark Daubney (ILEiria, Portugal)
Marta Saracho Aranaíz (IPP, Portugal)
Miguel Anghel Santos Guerra (UMálaga, Espanha)
Miguel Ribeiro (UniCamp, Brasil)
Nélia Amado (UAlgarve, Portugal)
Paula Fortunato Vaz (IPB, Portugal)
Pedro Tadeu (IPG, Portugal)
Raymundo Carlos Ferreira Filho (IFSul, Brasil)
Rosa Novo (IPB, Portugal)
Rui Pedro Lopes (IPB, Portugal)
Rui Vieira (UAveiro, Portugal)
Sandra Regina Soares (UNEB, Brasil)
Sandra Santos (IPB, Portugal)
Sani Rutz da Silva (UTFPR, Brasil)
Sara Barros Araújo (IPP, Portugal)
Sofia Bergano (IPB, Portugal)
Susana Colaço (IPSantarém, Portugal)
Tatjana Devjak (ULubljana, Eslovénia)
Telma Queirós (IPB, Portugal)
Vasco Alves (IPB, Portugal)
Vitor Gonçalves (IPB, Portugal)
Vitor Hugo Manzke (IFSul, Brasil)

Global Schools: integração curricular da ED/ECG no ensino básico

Luísa Neves^{1,5}, Alexandra Esteves^{2,8}, Ana Barbosa^{1,5}, Eliana Madeira³, Gabriela Barbosa¹, Joana Oliveira^{1,5}, Jorge Cardoso⁴, La Salette Coelho^{1,6}, Teresa Gonçalves^{1,7}
luisaneves@ese.ipvc.pt, estevesalexandra@gmail.com, anabarbosa@ese.ipvc.pt,
emadeira@graal.org.pt, gabriela.mmb@ese.ipvc.pt, joanaoliveira@ese.ipvc.pt,
jorge.cardoso@fgs.org.pt, lasaletecoelho@ese.ipvc.pt, teresag@ese.ipvc.pt

¹*Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal*

²*Universidade Católica Portuguesa, Portugal*

³*Graal, Associação de Caráter Social e Cultural, Portugal*

⁴*FGS, Fundação Gonçalo da Silveira, Portugal*

⁵*Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal*

⁶*Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto, Portugal*

⁷*Centro de Psicologia, Universidade do Porto, Portugal*

⁸*Centro de Investigação Lab2PT, Universidade do Minho, Portugal*

Resumo

As interdependências características do mundo globalizado em que vivemos implicam a necessidade de formação de pessoas que se sintam parte da comunidade planetária e sejam capazes de refletir sobre os problemas que afetam a humanidade e agir no sentido da sustentabilidade e do bem comum. Para isso é crucial promover a Educação para o Desenvolvimento/Educação para a Cidadania Global (ED/ECG) desde os primeiros anos de escolaridade. No sentido de contribuir para a inserção desta dimensão nos currículos dos 1.º e 2.º CEB, no âmbito do projeto “*Global Schools: aprender a (con)viver*” foi elaborado um recurso educativo. O objetivo deste artigo é apresentar esse recurso, o seu quadro concetual e o processo colaborativo usado na sua criação. Constituiu-se uma equipa multidisciplinar de especialistas nas áreas de Português (PT), História e Geografia de Portugal (HGP), Ciências Naturais (CN) e Matemática (MAT) e em ED/ECG, com experiência de trabalho com escolas, bem como na formação de professores. Tendo em conta os documentos curriculares de referência para os 1.º e 2.º CEB, analisou-se o Referencial de ED, aprovado em 2016 pelo Ministério da Educação. Aferiram-se subtemas suscetíveis de serem cruzados com conteúdos de diferentes áreas curriculares. Selecionaram-se alguns subtemas e definiram-se conteúdos programáticos que se poderiam articular com os objetivos de ED. Elaboraram-se as propostas didáticas. Para avaliar a sua exequibilidade, discutiram-se essas propostas com professores dos 1.º e 2.º CEB envolvidos em ações de formação sobre ED/ECG. Foram selecionados sete subtemas do Referencial de ED e criadas nove propostas didáticas contemplando as áreas de PT, MAT e Estudo do Meio (EM) no caso do 1.º CEB, e de PT, HGP, MAT e CN no caso do 2.º CEB. As propostas para o 1.º CEB são elaboradas prevendo uma estreita articulação interdisciplinar, enquanto para o 2.º CEB há a possibilidade de uma maior independência das atividades propostas para cada disciplina. As atividades privilegiam o pensamento autónomo, reflexivo e crítico, o confronto entre diferentes perspetivas, a compreensão da interligação local/global e a implicação pessoal e coletiva na transformação social. Procuram respeitar a realidade das salas de aula, a flexibilidade de tempo e de estratégias e a exequibilidade ao nível dos materiais. Espera-se que os professores adaptem e implementem algumas das atividades propostas nas suas práticas educativas, potenciando a integração da ED/ECG no ensino básico.

Palavras-Chave: educação para o desenvolvimento; cidadania global; integração curricular; 1.º e 2.º CEB.

Abstract

The interdependencies of the globalized world in which we live imply the need to train people who feel part of the planetary community and are able to reflect on the problems that affect humanity and to act towards sustainability and the common good. For this it is crucial to promote Development Education/Global Citizenship Education (DE/GCE) since the earliest years of schooling. In order to contribute to the inclusion of this dimension in the curricula of primary education, in the context of the project "Global Schools" an educational resource was elaborated. The purpose of this communication is to present this resource, its conceptual framework and the collaborative process used in its creation. A multidisciplinary team of specialists in the areas of Portuguese (PT), History and Geography (HG), Natural Sciences (CN) and Mathematics (MAT) and in DE/GCE, with experience in working with schools, as well as in teacher training, was constituted. Taking into account the programs and curricular goals of primary education, the DE Guidelines, approved in 2016 by the Ministry of Education, were analyzed. Sub-themes susceptible of being crossed with contents from different curricular areas were identified. Some sub-themes were selected and programmatic contents were defined that could be articulated with the DE objectives. The didactic proposals were elaborated. To assess their feasibility, these proposals were discussed with primary teachers involved in DE/GCE training courses. The resource was drawn up. Seven sub-themes of the DE Guidelines were selected and nine didactic proposals were created, covering the areas of PT, MAT and Environmental Studies in the case of 1st to 4th grade, PT, HGP, MAT and CN in the case of 5th and 6th grade. The proposals for the 1st to 4th grade were prepared with close interdisciplinary articulation, while for the 5th and 6th grade there is a possibility of greater independence of the proposed activities for each discipline. Activities focus on autonomous, reflexive and critical thinking, confrontation between different perspectives, understanding local/global interconnection, and personal and collective involvement in social transformation. They seek to respect the reality of classrooms, the flexibility of time and strategies and the feasibility of materials. It is expected that teachers will adapt and implement some of the activities proposed in their educational practices, enhancing the integration of DE/GCE in basic education.

Keywords: development education; global citizenship; curricular integration; 1st and 2nd grade of basic education.

1 Introdução

As interdependências características do mundo globalizado em que vivemos implicam a necessidade de formação de pessoas que se sintam parte da comunidade planetária e sejam capazes de refletir sobre os problemas que afetam a humanidade e agir no sentido da sustentabilidade e do bem comum. Para isso é crucial promover a Educação para o Desenvolvimento/Educação para a Cidadania Global (ED/ECG) desde os primeiros anos de escolaridade. Neste artigo os conceitos de Educação para a Cidadania Global (expressão da nossa preferência) e Educação para o Desenvolvimento (expressão eleita pela Estratégia Nacional) são utilizados como representando um mesmo conceito educativo (Despacho n.º 25931/2009; Global Schools, 2016).

No sentido de contribuir para a inserção da ED/ECG nos currículos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico (CEB), no âmbito do projeto "*Global Schools: aprender a (con)viver*" foi elaborado um recurso educativo (Neves & Coelho, 2018). Este artigo tem como objetivo apresentar esse recurso, o seu quadro concetual e o processo colaborativo usado na sua criação.

2 Quadro concetual

Segundo a UNESCO (2016a) ser cidadão ou cidadã global implica sentir-se parte da comunidade planetária, compreendendo as inter-relações e interdependências entre o local e o global. A ED/ECG deve constituir-se como um espaço de participação, colaboração e reflexão sobre os problemas globais que afetam a humanidade e os valores que norteiam as nossas ações, visando a desconstrução de preconceitos e estereótipos e a transformação social no sentido da consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Assim, as temáticas a abordar passam pelos direitos humanos,

ambiente, paz e democracia, diversidade e justiça social (Bourn, 2014; Global Schools, 2016; Oxfam, 2015; UNESCO, 2016b).

Se no campo da educação se tem assistido a um reconhecimento crescente da importância de um *ethos* colaborativo entre profissionais (e.g., Hargreaves, 1998), este é ainda mais crítico no caso da ED/ECG. Com efeito, para responder à complexidade, multidimensionalidade e interligação das questões que se colocam no mundo contemporâneo torna-se necessário um trabalho colaborativo que potencie a partilha, diálogo e imaginação entre atores de proveniências e com formações diversificadas. O trabalho colaborativo, sendo um processo que se realiza através de partilha horizontal da experiência de aprendizagem, conhecimento e saberes no sentido de objetivo comum constitui um desafio aos atores e organizações (Bevins & Price, 2014) e ao isolamento profissional e atomismo disciplinar que caracterizam ainda a ação do professor (Roldão, 2007).

Iniciado em 2015, o *Global Schools: Aprender a (con)viver* é parte de um projeto europeu implementado em 10 países da União Europeia (Áustria, Bulgária, Espanha, França, Irlanda, Itália, Letónia, Portugal, Reino Unido e República Checa), por 17 parceiros, liderados pela Província Autónoma de Trento. O projeto foi financiado pelo Programa DEAR (*Development Education and Awareness Raising*) da Comissão Europeia e tinha como principal objetivo a integração da ED/ECG nos currículos do ensino básico, através da promoção de práticas pedagógicas inovadoras baseadas na investigação e consubstanciadas em módulos de formação inicial e contínua de professores e professoras e na produção de recursos didáticos. Em Portugal, este projeto tirou partido do novo enquadramento da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário (Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho) que reforçou o caráter transversal da Cidadania. Pelo então Ministério da Educação e Ciência foram identificadas as diversas dimensões da Educação para a Cidadania no documento “Educação para a Cidadania - linhas orientadoras”, entre as quais, a Educação para o Desenvolvimento. O projeto foi pensado para pôr em prática o “Referencial de Educação para o Desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário” (elaborado pela Direção-Geral da Educação em parceria com o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, o CIDAC – Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral e a FGS – Fundação Gonçalo da Silveira) (Coelho, Neves & Oliveira, 2017).

O projeto de Autonomia e Flexibilização Curricular, instituído pelo Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho, em implementação em regime de experiência pedagógica, ancorado em documentos como o Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (ME-DGE, 2017) e a recente Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (República Portuguesa, 2017) apresentam-se como uma nova oportunidade para a área da ED nas escolas, não só porque mobiliza, na sua lógica de funcionamento, princípios e valores subjacentes a diversos domínios da Educação para a Cidadania, mas também pela sua consubstanciação numa componente de currículo, denominada Cidadania e Desenvolvimento, prevista como parte integrante de todos os anos de escolaridade, do ensino básico e do ensino secundário (Neves & Coelho, 2018).

3 Desenvolvimento

3.1 A equipa

Pretendendo-se produzir um recurso didático para incentivar e apoiar os professores a integrar a ED/ECG nas áreas disciplinares de Português (PT), Matemática (MAT) e Estudo do Meio (EM) no 1.º CEB e Matemática, Português, História e Geografia de Portugal (HGP) e Ciências Naturais (CN) no 2.º CEB, era fundamental que a equipa incluísse especialistas nestas diferentes áreas, com conhecimento dos currículos e programas em vigor e experiência na formação de professores, mas também especialistas em ED/ECG com experiência de trabalho com escolas. Assim, foi constituída uma equipa de nove pessoas, incluindo professoras da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC) de diferentes áreas curriculares e especialistas em ED/ECG, nomeadamente de Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD), uma delas envolvida na elaboração do Referencial de ED.

Como era um grupo muito diverso e nem todos se conheciam nem tinham trabalhado juntos, foi necessário criar um espírito de grupo e perceber as expectativas, motivações e potenciais contributos

de cada um para a tarefa a realizar. Fazendo uma analogia entre o processo a desenvolver e uma viagem, explorou-se o que cada viajante trazia na bagagem e as suas motivações para embarcar. Identificaram-se os ventos desfavoráveis (fatores que potencialmente dificultariam a chegada a bom porto) e também os ventos favoráveis (Figura 1).

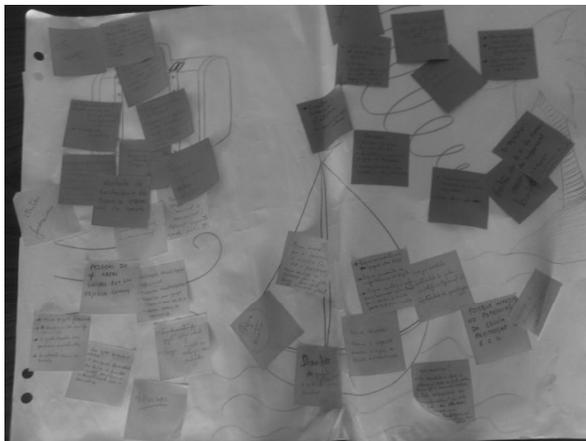


Figura 1: Etapa do trabalho colaborativo (metáfora da viagem).

Das opiniões emitidas quanto ao que traziam na bagagem ressalta a diversidade e riqueza de experiências e conhecimentos, e a vontade de contribuir para o projeto:

Longa **experiência** na formação de professores, longa história de vida com algum **conhecimento** do mundo, **vontade**.

Experiência de trabalho em ED, formação de professores e produção de materiais, **vontade** de trabalhar.

Vontade para trabalhar, **vontade** em demonstrar a importância da História para compreender os problemas do presente e para enfrentar os desafios do futuro.

Conhecimento sobre ambiente, ciências, elaboração de materiais, **energia**.

Participação na redação do referencial, **experiência** na adaptação/produção de materiais didático-pedagógicos de ECG, **vontade** de partilhar e de aprender.

Visão menos comprometida com uma área científica específica.

Vontade de contribuir para tirar o referencial da gaveta.

Recurso, **experiência**, desafio.

Analisando as razões apontadas para embarcarem percebe-se que as motivações individuais passam essencialmente por acreditar no projeto:

Porque **acredito** que a formação é holística (ou não é formação). Nesse sentido a formação com cidadania faz parte da formação global.

Porque **acredito** no papel da ECG, na importância do projeto, e sinto que os professores precisam de orientação para levar a ECG para as suas aulas.

Porque **acredito!** É urgente pensar e agir de forma mais informada.

Porque fui convidado, oportunidade de ajudar a concretizar o referencial ED, oportunidade de aprendizagem.

Porque **acredito** no potencial da escola na promoção da ECG.

Por **acreditar** que a educação pode de facto contribuir para um mundo melhor, pela necessidade de transformarmos as salas de aula e de nos transformarmos e porque os professores são a chave para atingir esses fins.

Atenção à coerência entre este tipo de espaços.

Quanto aos ventos favoráveis, as opiniões emitidas salientam o empenho e diversidade dos envolvidos, e o contexto:

Motivação.

Pessoas de diferentes áreas unidas por um objetivo comum.

Haver projeto financiado, o lançamento do referencial, a qualidade das pessoas envolvidas, a relação com as escolas.

O **empenho** dos envolvidos, as **linhas definidas a nível internacional e nacional** para a temática.

Enquadramento do **projeto Global Schools** com ações a serem realizadas nas **escolas, grupo.**

Trabalho em grupo – nacional e transversal, reflexão conjunta, **agenda política.**

O **contexto nacional e internacional.**

Relativamente a ventos desfavoráveis ressalta a falta de tempo/disponibilidade para trabalhar no projeto, mas também o elevado número de temas a serem abordados e a possível dificuldade de comunicação/gestão do trabalho em grupo:

O **tempo, o número de temas do referencial, linguagens, o número de subtemas** que escolhemos.

Gestão do meu **tempo.**

Transversalidade da ECG, **falta de tempo.**

Disponibilidade dos envolvidos, **distância entre grupos de trabalho**, consensualizar o modelo a ser utilizado.

Tempo/disponibilidade da equipa, disponibilidade dos professores das escolas, **dificuldade na coordenação/gestão** do trabalho.

O contexto, **o tempo**, o desconhecido.

Extensão do referencial de ED, tempo, o desconhecido.

Internas à equipa – **sobrecarga de trabalho**, externas – subalternização da ED nas políticas educativas.

Encontrar o trilho certo, estrutura, **comunicação/relação.**

Com o conhecimento das competências e motivações de cada um dos elementos da equipa, definiram-se os papéis de cada um, cabendo às especialistas nas diferentes áreas curriculares a elaboração das propostas didáticas e aos especialistas em ED/ECG a elaboração dos textos introdutórios e a indicação de materiais de referência sobre as diferentes temáticas a ser abordadas, assim como o papel de análise crítica das propostas de atividades no que respeita aos princípios inerentes à ED/ECG e aos descritores previstos no Referencial de ED.

3.2 O recurso

No sentido de definir as características do recurso a ser elaborado foi realizado um exercício sobre a visão dos vários elementos da equipa.

Confiável, incluir ideias de atividades que podem ser realizadas sem grandes complicações e **desafiadoras**; não fechar as portas; ser **adaptável** a diferentes situações, ser **apelativo em termos gráficos.**

Dinâmica de grupo porque permite a partilha e a **construção colaborativa** de conhecimento; ligação à **experiência** concreta do quotidiano; **investigação.**

Levem à **experiência e reflexão**; sejam **adaptados** à idade dos participantes; tenha **bons índices temáticos/faixa etária...**; estar facilmente **disponível** (versão impressa; versão online); **adaptação** às necessidades concretas – tempo de sessão, material necessário; **dinâmico** – proponha atividades **diferentes do habitual.**

Facilidade em encontrar o que procuro – discussão temática, não ser demasiado extenso, **identificação dos públicos**, identificação com a abordagem metodológica – operacionalidade das atividades; disponível (se impresso melhor).

Recursos educativos digitais – integração de saber, face à presença de alunos considerados nativos digitais.

Este exercício, e a discussão das ideias que daí emergiram, permitiram compreender o que se pretendia e definir linhas orientadoras para o desenvolvimento do recurso educativo e das propostas didáticas a propor. Relativamente à estrutura do recurso decidiu-se que deveria ser apelativo em termos gráficos e de fácil utilização, incluindo um roteiro de exploração com um código de cores e símbolos, tabelas sinóticas e um breve enquadramento teórico de cada um dos temas a serem abordados e que deveria ser disponibilizado em versão impressa e digital.

As propostas didáticas seriam organizadas por temas, explicitando a sua ligação curricular, sendo de natureza/tipologia diversa, exequíveis e adaptáveis a diferentes contextos e idades, e deveriam ser coerentes com os princípios da ED/ECG, isto é, serem dinâmicas e não prescritivas, desafiadoras, centradas no trabalho colaborativo e que apelassem à reflexão a partir de experiências e realidades quotidianas.

Procedeu-se à análise do Referencial de ED e ao seu cruzamento com os programas e as metas curriculares dos 1.º e 2.º CEB (Figura 2).

The figure shows a detailed matrix used for cross-referencing. It consists of several tables, each with a 'TEMA' (Theme) column and a 'SUBTEMA' (Sub-theme) column. The rows represent different themes, and the columns represent sub-themes. The matrix is populated with dots of various colors and patterns, indicating the relationships between the themes and sub-themes. A legend on the right side of the top section identifies the symbols: a grey circle for 'MAT', a white circle for 'CH', a black circle for 'PT', and a grey circle with a dot for 'TT'. The matrix is organized into several sections, each with a table of themes and sub-themes, and a grid of dots indicating connections.

Figura 2: Etapa do trabalho colaborativo (construção da matriz de cruzamento entre temas e subtemas do Referencial de ED com os programas e as metas curriculares dos 1.º e 2.º CEB).

Aferiram-se subtemas suscetíveis de serem cruzados com conteúdos de diferentes áreas curriculares. Selecionaram-se alguns subtemas e definiram-se conteúdos programáticos que se poderiam articular com os objetivos de ED. Depois de identificados esses temas e subtemas, as metas curriculares foram revisitadas de modo a definir os tópicos programáticos que se poderiam mais facilmente articular entre si e com os princípios consignados no Referencial de ED. Daqui resultou a seleção de sete subtemas do Referencial de ED que deram origem aos sete capítulos do manual: (1) Diversidade cultural e visões do mundo; (2) Visões de futuro, alternativas e transformação social; (3) Globalização e crescente complexidade das sociedades humanas; (4) Desigualdades, pobreza e exclusão social; (5) Direitos, deveres e responsabilidades; (6) A comunidade planetária; e (7) Construção de uma sociedade mundial justa e sustentável. Os capítulos um e seis incluem propostas didáticas para os 1.º e 2.º CEB,

os capítulos quatro e cinco incluem propostas apenas para o 1.º CEB e os capítulos dois, três e sete apenas para o 2.º CEB.

Todos os capítulos têm uma estrutura comum. Iniciam-se por um breve enquadramento teórico do tema, que tem como objetivo deixar pistas para a fundamentação da ação educativa e para leituras de aprofundamento futuras. De seguida aparecem as propostas didáticas e respetivos anexos.

Além dos capítulos referentes aos diferentes temas, tabelas sinóticas e referências, o recurso inclui uma parte introdutória onde se apresenta a sua estrutura, um enquadramento geral elaborado pelo grupo internacional de especialistas em ED/ECG do projeto *Global Schools*, e duas páginas que ilustram a forma como professores e professoras dos diversos países participantes neste projeto, inspirados no modelo de Korthagen (2004), descrevem as razões pelas quais ser ‘educador ou educadora global’ é importante. Estas duas partes são comuns a todos os recursos educativos produzidos nos dez países envolvidos neste projeto. É ainda feito o enquadramento nacional da ED, relevando-se o papel da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (2010-2015), o papel privilegiado das escolas neste processo, já que são responsáveis pela educação das novas gerações, e o papel das Escolas Superiores de Educação, e em particular da ESE-IPVC, dado o facto de assumirem, em Portugal, grande parte da formação inicial de professores do ensino básico e um papel cada vez mais relevante no que respeita à promoção de ações de formação e de produção de conhecimento no domínio da ED; e ainda a relevância do Referencial de ED para a integração destes temas na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário. Estes textos permitem ao utilizador compreender melhor os conceitos, temáticas, metodologias e princípios inerentes à ED/ECG e a sua importância para a consecução dos ODS.

3.3 As propostas didáticas

Foram elaboradas nove propostas didáticas contemplando as áreas disciplinares de PT, MAT e EM, no caso do 1.º CEB, de PT, HGP, MAT e CN no caso do 2.º CEB, que estão sintetizadas na Tabela 1.

Tabela 1: Propostas didáticas e sua inserção nos temas e subtemas do Referencial de ED e ano de escolaridade.

Tema do Referencial	Subtema do Referencial de ED	Título da proposta didática	Ano de escolaridade
Desenvolvimento	Diversidade cultural e visões do mundo	À procura de casa	3.º
		As voltas que o mundo dá	5.º
	Visões de futuro, alternativas e transformação social	Agir para transformar	6.º
Interdependências e globalização	Globalização e crescente complexidade das sociedades humanas	Aldeia Global	6.º
	Desigualdades, pobreza e exclusão social	Saúde passo a passo	2.º
Justiça social	Direitos, deveres e responsabilidades	Direitos e tortos	2.º
Cidadania global	A comunidade planetária	Bacalhau com todos	3.º
		Cooperar para melhor viver	5.º
	Construção de uma sociedade mundial justa e sustentável	Do compromisso à construção	6.º

Estas propostas foram pensadas numa perspetiva de integração dos objetivos de ED/ECG nos currículos dos 1.º e 2.º CEB. As temáticas foram exploradas no sentido da articulação efetiva das diferentes áreas de saber, potenciando práticas educativas orientadas para a formação de cidadãos e cidadãs globais, e em coerência com os valores subjacentes à ED/ECG. Concretamente o desenvolvimento do pensamento autónomo, reflexivo e crítico e o confronto e debate entre diferentes visões

ou perspectivas; a compreensão da interligação local/global e a implicação pessoal e coletiva na transformação social. Privilegiaram-se princípios de pedagogia ativa, como a ligação das aprendizagens às experiências pessoais e realidades quotidianas e a construção de ambientes de aprendizagem positivos e colaborativos, em que a partilha, o desafio e a reflexão estão presentes. Procuraram ainda respeitar alguns princípios de ordem contextual, como a adaptação à realidade das salas de aula, a flexibilidade de tempo e de estratégias e a exequibilidade ao nível dos materiais.

Considerando a organização curricular do 1.º CEB, as propostas didáticas para este nível foram elaboradas prevendo o contributo de diversas áreas disciplinares, numa lógica de estreita articulação interdisciplinar. Tendo em conta a organização do 2.º CEB, com professores diferentes para as diferentes disciplinas, optou-se por um modelo em que embora haja um tema agregador que poderá ser abordado como um projeto de turma, há a possibilidade de uma maior independência nas atividades propostas para cada disciplina.

Para facilitar a leitura, as propostas didáticas seguem um código de cores e de símbolos identificadores das diferentes áreas disciplinares, tempo previsto, anexos com material que pode ser reproduzido, endereços de sítios com recursos relevantes e sugestões para docentes.

3.4 Desafios e aprendizagens

Este recurso resultou de um processo colaborativo, que foi longo e nem sempre fácil. Houve momentos em que o tom das discussões subiu, momentos de dúvida e de *desespero* característicos da dinâmica interpessoal dos processos colaborativos. Mas também momentos de grande satisfação como quando percebemos a *fórmula* e as ideias jorravam. E quando vimos o manual impresso foi uma alegria.

Fazendo uma retrospectiva do caminho percorrido, percebe-se como principais desafios: (1) definir um modelo que integrasse as diferentes áreas curriculares, mas que fosse exequível nos contextos reais das nossas escolas; (2) construir propostas cujo prazo de validade não fosse muito curto, ajustáveis a diferentes contextos, exequíveis na realidade das nossas salas de aula, não demasiado prescritivas; (3) aceder a recursos que se adaptassem aos diferentes contextos, que ultrapassem a fronteira da localidade, da região, que é de todos e de todo o lugar; (4) desenhar propostas didáticas temperadas com alguma ludicidade, interativas, dinâmicas, com potencial para estimular os alunos para as aprendizagens; (5) definir o tempo para implementação das diversas atividades; (6) articular este trabalho com as restantes tarefas em que os membros da equipa estavam envolvidos; e (7) trabalhar em conjunto. Nem sempre foi fácil disponibilizar tempo para todo o grupo trabalhar presencialmente em equipa.

Por outro lado, o trabalho realizado no âmbito da produção deste recurso didático foi uma oportunidade de: (1) trabalhar em equipa com colegas de diferentes áreas do saber, o que ajudou a refletir, a refinar ideias, a repensar práticas e a alargar perspectivas sobre vários assuntos; (2) pensar numa forma de facilitar a articulação curricular de um modo natural, principalmente no que se refere ao 1.º CEB, mas também no 2.º CEB, onde se procurou deixar uma janela aberta para que professores de diferentes áreas disciplinares pudessem desenvolver trabalho colaborativo em torno de um mesmo tema de ED.

Assim, considera-se como pontos fortes deste percurso e do seu resultado: (1) o trabalho colaborativo com o contributo de diferentes olhares; (2) a operacionalização do referencial de ED e a sua articulação com o currículo em vigor no 1.º e no 2.º CEB; (3) a descrição da possibilidade efetiva de integrar as temáticas de ED/ECG nas áreas disciplinares de PT, MAT, CN e HGP, sem descuidar os objetivos curriculares; e (4) o potencial inovador quer nas metodologias quer na utilização de recursos diversificados. Estas perceções têm vindo a ser apoiadas pela opinião de professores do Ensino Básico que analisaram e aplicaram nas suas turmas algumas das atividades propostas, considerando-as exequíveis e suficientemente flexíveis para serem adaptadas a diferentes contextos e diferentes anos de escolaridade, e uma ferramenta efetiva de operacionalização do Referencial de ED.

Fazendo um balanço de todo este processo constata-se que este percurso nos enriqueceu a todos. As motivações iniciais não só resistiram às dificuldades da viagem, como se reforçaram e outras surgiram. No desembarque, tem-se a perceção de que os ventos favoráveis sopraram mais fortes! Fomos bons companheiros de viagem! Construámos um sentido comum e uma base de confiança e cumplicidade que, entre outras coisas, criou condições para que nunca renunciássemos ao exercício da crítica. Guardamos boas memórias dos encontros presenciais que foram desafiantes, fontes significativas de aprendizagem.

Cada um/a de nós foi capaz de sair de si e das suas áreas de conforto e viajámos o que é mais do que devorar estradas e cruzar mares (como nos diz D. Hélder Câmara). Viajar é abrir-se ao outro, é ir ao encontro do outro. O recurso que aqui apresentamos resulta de múltiplos encontros significativos, alguns improváveis. A sua construção permitiu a criação, na ESE-IPVC, de uma equipa de trabalho em ED/ECG que vê esta área como prioritária e que a integrou no seu trabalho e nas suas práticas, aumentando o seu potencial multiplicador, e não dependendo apenas de projetos financiados.

4 Considerações finais

Pretende-se que este recurso educativo sirva de inspiração a docentes que desejem enriquecer a sua prática pedagógica através da integração dos objetivos de ED/ECG nos currículos. Sugere-se uma total liberdade na apropriação das propostas didáticas e dos anexos apresentados, podendo inclusivamente ser adaptadas a outros anos de escolaridade. Elas foram pensadas para que fosse possível a sua utilização em todas as áreas disciplinares, ou apenas em algumas. Por exemplo, poderão ser a base de um projeto de turma abordado em diferentes disciplinas ou constituir uma atividade desenvolvida numa ou outra disciplina de maneira mais isolada, conforme for mais adequado às condições específicas existentes. Por outro lado, a duração das atividades é meramente indicativa, sendo possível realizar algumas das propostas didáticas num tempo mais limitado ou desenvolvê-las ao longo de um período mais alargado, ou mesmo ao longo de um ano letivo.

5 Referências

- Bevins, S., & Price, G. (2014). Collaboration between academics and teachers: a complex relationship. *Educational Action Research*, 22(2), 270-284.
- Bourn, D. (2014). *The theory and practice of global learning*. London: Development Education Research Centre.
- Coelho, L. S., Neves, L., & Oliveira, J. (2017). Gabinete de estudos para a educação e desenvolvimento: aprendizagens de um caminho percorrido. *Diálogos com a arte. Revista de arte, cultura e educação*, 7, 61-80.
- Despacho n.º 25931/2009. Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Educação. *Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento* (pp. 48391-48402).
- Decreto-Lei n.º 139/2012. Ministério da Educação e Ciência. Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 5 de julho de 2012.
- Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (2010-2015) – ENED plano de ação. Acedido em: http://d3f5055r2rwsy1.cloudfront.net/images/cooperacao/plano_accacao_ened.pdf
- Global Schools (2016). *Global citizenship education in Europe – A comparative study on education across 10 EU countries*. Research deliverable issued within the European project “Global Schools”. Trento, Italy: Provincia Autonoma di Trento.
- Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempos de mudança. O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Alfragide: McGraw-Hill de Portugal.
- Korthagen, F. A. J. (2004). In the search of the essence of good teacher: towards a more holistic approach in teacher education. *Teaching and Teacher Education*, 20, 77-97.
- Ministério da Educação. (2016). *Referencial de educação para o desenvolvimento – Educação pré-escolar, Ensino básico e secundário*. Portugal: Ministério da Educação.

- Ministério da Educação-DGE. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Neves, L., & Coelho, L. S. (Coords.) (2018). *Global Schools. Propostas de integração curricular da educação para o desenvolvimento e cidadania global no 1.º e 2.º CEB*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Acedido em: <http://www.esse.ipv.pt/globalschools/>
- Oxfam (2015). *Education for global citizenship – A guide for schools*. United Kingdom: Oxfam.
- República Portuguesa (2017). *Estratégia nacional de educação para a cidadania*. Acedido em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania.pdf
- Roldão, M. C. (2007). Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. *Revista Noesis*, 71, 24-29. Acedido em: <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=directorio&pid=76>
- UNESCO. (2016a). *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: UNESCO.
- UNESCO. (2016b). *The global education monitoring report team: education for people and planet: creating sustainable futures for all*. France: UNESCO.